

# CAPÍTULO 11

## O PAPEL DA SECA E DA PESCA DA BALEIA NA EMIGRAÇÃO CABO-VERDIANA PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

*Data de aceite:* 01/12/2020

*Data de submissão* 16/10/2020

**Hilarino Carlos Rodrigues da Luz**

CHAM, Departamento de Estudos Portugueses,  
FCSH, Universidade NOVA de Lisboa  
<https://orcid.org/0000-0001-5694-5781>  
CIÊNCIA ID: 2115-197A-7975

**RESUMO:** O arquipélago de Cabo Verde é constituído por dez ilhas e alguns ilhéus. Localizado no caminho do Sahel, a queda da chuva assume um papel relevante na definição da vida dos cabo-verdianos, visto que é a sua queda quem determina um ano agrícola favorável e mantimentos em abundância. A sua irregularidade, distinguida por grandes períodos de seca, tem feito com que os residentes se confrontem, de tempos em tempos, com épocas de estiagens, com consequências dramáticas na agricultura e na criação de gado. Portanto, os cabo-verdianos têm vindo a sofrer a pressão de vários fenómenos adversos que os incitam a abandonarem a sua terra natal. Refira-se que, além da seca resultante da ausência da chuva e de outras motivações, o recrutamento de cabo-verdianos, no século XVIII, para trabalharem na pesca da baleia, setor económico muito importante, nessa altura, pelo interesse do seu óleo na curtição de peles, de couros, e, na iluminação nos Estados Unidos da América, teve um papel muito importante na emigração cabo-verdiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cabo Verde; seca; fome; pesca da baleia; emigração.

### THE ROLE OF DROUGHTS AND WHALING IN CAPE VERDEAN EMIGRATION TO THE UNITED STATE OF AMÉRICA

**ABSTRACT:** The archipelago of Cape Verde is comprised of ten islands and some islets. Situated in the path of the Sahel, rainfall plays a vital role in defining the life of Cape Verdeans, since the amount of precipitation determines whether an agricultural year is productive, and if there is an abundance of supplies. The irregularity in rainfall, resulting in long dry spells, from time to time requires residents to contend with droughts that have dramatic consequences on the islands' agriculture and cattle-raising. Therefore, Cape Verdeans have suffered the pressure of different adverse phenomena which makes them leave their homeland. Apart from droughts caused by lack of rainfall, and other circumstances, the recruiting of Cape Verdeans in the 18<sup>th</sup> century to work in whaling, a very important economic sector at that time because of the demand for whale oil in leather tanning and illumination in the United States of America, played a very important role in Cape Verdean emigration.

**KEYWORDS:** Cape Verde; drought; hunger; whaling; emigration.

*Minúsculos pontos  
algures no oceano  
– somos nós  
dez ilhas  
melancólica  
e geograficamente possíveis  
rodeadas pelo mar  
como vêm nos compêndios...*  
(BARBOSA, 2002:180).

Pretendemos, com este capítulo<sup>1</sup>, fazer uma breve análise do papel da seca e da pesca da baleia na emigração cabo-verdiana. Refira-se que Cabo Verde, um pequeno Estado insular localizado, no caminho do Sahel, é constituído por dez ilhas e alguns ilhéus que se dividem em dois grupos, segundo a sua posição em relação aos ventos predominantes do nordeste: Barlavento (Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia – ainda desabitada –, S. Nicolau, Sal, Boa Vista, e os ilhéus desabitados de Pássaro, junto a S. Vicente, Branco e Raso, junto a Santa Luzia – e Sotavento (Santiago, Maio, Fogo e Brava e alguns ilhéus também desabitados como os de Santa Maria, junto à cidade da Praia, e ainda os de Luís Carneiro, Sapado, Grande e Cima, junto à Brava). São ilhas que, segundo Jorge Barbosa:

*Aparecem / quase invisíveis / pontos pingados / no azul luminoso / atlântico da esfera... // [...] // Éramos nós / somos nós / dez ilhas! // Dez ilhas que esperam / ainda o final / deste destino / de todos nós / que há meio milénio / um dia começou // [...] // Minúsculos pontos / pingados no azul / marítimo do mapa / - somos nós / dez ilhas! (BARBOSA, 2002:178-179).*

Trata-se de um país, onde a queda da chuva tem assumido um papel preponderante na definição do estilo de vida dos cabo-verdianos, visto que é a sua queda quem determina um ano agrícola favorável. Com a sua queda os poetas projetam contemplar os seus ganhos, facto que, por exemplo, acontece com Jorge Barbosa no poema “Depois da Chuva”:

*Quando a chuva passar / hei-de ir ao cimo do Cutelo / para ver o cenário soberbo que a terra tem / e sentir o cheiro húmido da terra encharcada. Hei-de chegar à tua casa também / que ali fica / no alto, / para te surpreender nesse à-vontade adorável: a saia de chita curta, / as pernas quase ao léu, / de um recorte musculoso e de um ritmo ginástico, / a blusa e os teus cabelos molhados ainda / da chuva que*

---

<sup>1</sup> Este capítulo tem como base a nossa Tese de Doutoramento (2013) e um artigo em inglês publicado em coautoria no jornal *Humanities* (2020).

apanhaste nas voltas pelo quintal... // Falarei a teu pai do milharal, / das plantações, / - banais motivos afinal / que me demorem mais ao pé ti... // [...]. (BARBOSA, 2002:87).

Contudo, a sua irregularidade, distinguida por grandes períodos de seca, tem feito com que o cabo-verdiano se confronte, em certos períodos de tempo, com épocas de estiagem, com consequências dramáticas na agricultura e na pecuária. Veja-se o poema “Seca”, do poeta anteriormente citado:

Dois anos de seca / vivos / como Deus sabe! // Vagueiam pela cidade / esqueléticas crianças. / Chegaram de fora / dos campos onde outrora / havia / a harmonia / de plantas exuberantes, / a promessa da fartura! // [...] // Parecem bonecos macabros / e causam dó / os petizes de meses / com vida só / nos lábios infatigáveis / que chupam vazias tetas maternas, / cada vez mais / com sofreguidão... // Os seios secos das mães / amamentam ainda! (BARBOSA, 2002:67-67).

Neste sentido, quando não chove, os agricultores e a maioria dos residentes acabam por ser as grandes vítimas, dada a carência de géneros básicos de subsistência, como o milho, o feijão, a mandioca, a batata-doce. Contudo, quando ela chove, os cabo-verdianos conseguem produzir vários géneros alimentícios, por ser tratar de uma “terra fértil”, conforme defende Jorge Barbosa (1902-1971). Veja-se a seguinte passagem do poema “A Terra”, dedicado ao seu amigo Manuel Lopes (1905-2007):

Terra fértil / das bananeiras, das laranjeiras, / dos acajus, / dos cafeeiros, / das uvas, dos batatais; / do milho que dá cachupa, o cuscut, / a batanca, o gufongo; / das canas / que dão o grogue e o mel...// Terra fértil / - das oleaginosas, / das árvores dos cardeais / das roseiras, / dos marmeleiros, das goiabeiras, / das árvores resinosas, / das árvores de fruta, / das árvores de sombra...//Terra fértil / do queijo!... (BARBOSA 2002:41).

No entanto, os agricultores preservam continuamente a expectativa de que irá chover no dia seguinte. Por isso, a sementeira é feita, basicamente, de crença e de esperança, num ritual praticamente análogo em todas as ilhas. É feita nos últimos dias de junho e primeiros de julho, em conformidade com a estação das chuvas, muito destacada pela sua imprevisibilidade. Essa imprevisibilidade costuma ter consequências na vida desses agricultores, como também se pode certificar num extrato do poema anteriormente citado:

Se não cai a chuva, / - o desalento / a tragédia da estiagem! - / As encostas áridas, as planícies secas / sulcadas / imitam ritos de uma dor profunda / e fantasiam carnes ao Sol mumificadas... // - Ai o drama da chuva, / ai o desalento, / o tormento / da estiagem! // - Ai a voragem / da fome / levando vidas! / (...a tristeza das sementeiras perdidas...) // [...]. (BARBOSA, 2002:42).

Os agricultores, por vezes, plantam antes das primeiras chuvadas, que geram enormes prejuízos, visto que quando a chuva tarda em cair desperdiçam as suas sementeiras, levando o supracitado Jorge Barbosa a falar na “tristeza das sementeiras perdidas” (BARBOSA, 2002:42).

Portanto, os islenhos têm vindo a sofrer a pressão de vários fenómenos adversos que os incitam a se afastarem da sua terra natal, como solução para a resolução das carências dos que saem e dos familiares que permanecem no país, através de remessas. Assim, diríamos que a primeira grande fome se deu no país entre 1580 e 1582 e matou muitos cabo-verdianos, além de ter estimulado a saída de muitos outros para os rios da Guiné. Dada a gravidade dessa situação, os habitantes chegaram ao ponto de comerem os seus animais domésticos, tendo os religiosos chegado a comer carne nos dias de jejum.

Entre 1610 e 1611 houve um outro período de fome, devido a falta de chuva, tendo ocorrido uma enorme subida do preço dos alimentos. Por isso, alguns alimentos enviados para Cabo Verde foram vendidos a um preço exorbitante, podendo ser adquiridos apenas pelos mais ricos. Um outro período deu-se entre setembro de 1774 e fevereiro de 1775, tendo morrido 22.666 cabo-verdianos. A ilha do Fogo teve 1500 óbitos, a de Santiago sofreu cerca de 12.778 e as outras ilhas 8.498 mortos. Em 1806 e 1807 os cabo-verdianos enfrentaram um outro período de fome, e muitos deles foram obrigados a vender as suas terras a baixo custo.

Também em 1823 e 1826 se viveu no arquipélago um outro grande período de fome, tendo morrido cerca de 30.000 pessoas em todas as ilhas. A ilha de Santo Antão perdeu cerca 13.000 dos seus habitantes. O período de 1850 a 1866, ficou estigmatizado por ininterrupta irregularidade de chuvas que umas vezes abrangiam todas as ilhas e outras vezes parte delas. Para piorar a situação, entre 1854 e 1855, a ilha do Fogo foi afetada pela *cólera morbus* que matou cerca de 800 pessoas.

A pior de todas essas fomes foi a que decorreu entre 1863 e 1866, visto que as ilhas do grupo de Sotavento sofreram 40.000 mortes. Essa crise foi, provavelmente, a primeira a ser denunciada no exterior. No entanto, a ilha de Santiago foi a que mais sofreu visto que a seca teve trágicas consequências, ao ter sido antecedida por uma estiagem que desproveu o povo de recursos. O gado e os homens morriam à míngua de alimento. Atingiu o ponto mais alto em 1863 o mais baixo em 1866. Nessa altura, nem os apoios arrecadados pelas câmaras e comissões de socorros de Cabo Verde, do Funchal, de Lisboa, do Rio de Janeiro, de S. Tomé e as ajudas fornecidas pelo Governo de Lisboa, conseguiram impedir a morte a esses indivíduos.

Desta feita, o contacto do homem islenho com as dificuldades aumentava a expectativa de emigrar, surgindo, dessa forma, como a solução e esperança possíveis para superar as adversidades do quotidiano. Assim, podemos dizer que a partir do século XVIII, com o recrutamento de cabo-verdianos para trabalharem na pesca

da baleia, setor económico muito importante na altura, pelo interesse do seu óleo na curtição de peles, de couros, e, na iluminação nos Estados Unidos da América, se começou a verificar a saída de grande número de cabo-verdianos à procura de melhores condições de vida e uma conseqüente ascensão social.

Essa atividade levou para as ilhas um enorme número de navios baleeiros dos Estados Unidos, cuja tripulação se aproximava dos habitantes, com o propósito de se abastecer de água, de produtos alimentares frescos, e, de se derreter as gorduras das baleias capturadas, visando a obtenção do óleo ou azeite. Posteriormente, começaram a contratar os locais para trabalharem nos barcos, que rapidamente conquistaram a fama de muito bons trabalhadores, sendo que os primeiros a serem contratados eram das ilhas de S. Nicolau, Brava e Fogo. Na obra *Chiquinho*, Baltasar Lopes da Silva (1907-1989) atesta o *frenesi* causado aquando da chegada de um baleeiro, um acontecimento que emblemava a abundância, a exteriorização da vontade dos residentes serem recrutados, e, o desembarque de alguns naturais que aproveitavam para visitar os seus familiares. Leia-se a seguinte transcrição:

Chegaram navios baleeiros na terra. Correu logo a notícia. Navio-de-baleia era fartura para a ilha. Os rapazes alvoroçaram-se, porque todos tinham vontade de ser recrutados. [...]. Começaram a chover pedidos aos encarregados do engajamento, pois o número de tripulantes de que os navios careciam era menor de que o dos pretendentes. Desembarcaram para ver a família muitos rapazes que faziam parte das tripulações (SILVA, 1993:63-64).

Jorge Barbosa (1902-1971) fala desses “americanos” que regressavam gritando, facto que originava lágrimas de felicidade nos seus familiares e amigos, que os recebiam com o estalar de foguetes. Contudo, essa felicidade demorava pouco tempo porque voltavam a partir, de novo, com o fito de prosperarem economicamente. Desta vez, deixavam lágrimas de tristeza nas pessoas que os tinham recebido com alegria e iam com saudades diversas, sobretudo das mornas de Eugénio Tavares (1867-1930), como se nota na seguinte passagem do poema “Ilhas”:

– Seló... Seló! ... / *Americanos* que chegam... / Na balbúrdia do cais / há lágrimas de alegria, fugidios cristais / iluminando os olhos das mulheres... // foguetes / estalam no ar por toda a Brava / contagiando a harmonia / de cores / e de flores / da gracilima paisagem. // E depois... lá vão / outra vez, / tristonhos, os emigrantes... //: América! Mar largo! / Amores distantes, / saudades crioulas / das mornas de Eugénio! (BARBOSA, 2002: 40).

Apesar dos tripulantes, desses baleeiros, apresentarem um poderio económico diferente do dos locais, eles não eram vistos com a mesma admiração dos “americanos” que trabalhavam nas fábricas e nas plantações. Estes, no imaginário

local, auferiam bons vencimentos, facto que os faziam regressar com algum poderio económico e serem admirados por todos. Já os baleeiros trabalhavam muitos meses nos mares do Sul em detrimento de um salário pecuniário (Silva, 1993).

Apesar dessa diferenciação económica que possa ter existido em determinadas situações, o trabalho nesses navios assumiu capital importância na melhoria de vida de muitos cabo-verdianos, conforme supomos anteriormente, e no início da diáspora cabo-verdiana, visto que esse fluxo migratório originou o processo de reunificação familiar que foi sendo restabelecido em diferentes cidades americanas, sobretudo em New Bedford, onde os cabo-verdianos também encontravam a oportunidade de trabalhar nas fábricas de cordas, na agricultura, além da mão de obra costeira e nos têxteis. Baltasar Lopes da Silva, ao descrever o recrutamento de trabalhadores para os barcos Wanderer e Morgan, fala da personagem Antoninho de Nh`Ana Lanta que ficou triste por não conseguir uma vaga, como se nota na seguinte transcrição:

Fomos chaleirar o recrutamento, que se fazia na Administração do Concelho. O encarregado era assistido por dois homens de bordo, um deles de olhos muito brancos. Ele distribuía os rapazes pelos barcos: - Este é para a barca Wanderer. Você vai para a Morgan. Lembro-me ainda da cara triste de Antoninho de nh`Ana Lanta, por não ter encontrado lugar. Era condenado a continuar a vida no rabo da enxada. Tive pena das suas calças rotas, que já não tinham onde pegar remendo. Antoninho e os outros recusados tinham de continuar a ganhar três tostões por dia, puxando nas hortas (SILVA, 1993:64).

O mar foi o responsável pela concretização desses propósitos, ao servir de via por onde passavam os “barquinhos”, no seu itinerário em direção aos Estados Unidos da América. Contudo, nem sempre os barcos chegavam aos seus destinos. Daí que quando o viajante saía das ilhas deixava saudades e “rezas nos lábios” dos familiares e amigos, visto que muitos eram os “irmãos” que não regressavam mais, por causa das adversidades que enfrentavam quer através da pesca da baleia quer através da viagem transfronteiriça que faziam. Encontramos, portanto, um mar-obstáculo, como se nota no poema “Irmão”, de Jorge Barbosa, onde também referência a vida de alguns que emigravam e trabalhavam na supradita pesca da baleia, um trabalho que os deixavam com as mãos calosas, e que os expunham aos perigos marítimos. Também havia os que trabalhavam nas fornalhas dos navios, alimentando-os com carvão:

Cruzaste Mares/ na aventura da pesca da baleia, / nessas viagens para a América / de onde às vezes os navios não voltam mais. // Tens as mãos calosas de puxar / as enxárcias dos barquinhos no mar alto; / viveste horas de expetativas cruéis / na luta com as tempestades; / aborreceu-te este tédio marítimo / das longas calmarias intermináveis (BARBOSA, 2002:61).

Há o intento, do autor, em mostrar uma dissemelhança na sociedade cabo-verdiana e no seu estado de espírito, conseqüente da saída de uma parte da população para os Estados Unidos da América. Deste modo, o suprarreferido Baltasar Lopes da Silva fala dessa bifurcação na referida obra *Chiquinho*, ao defender a ideia de que quem não tinha familiares nesse país vivia em casas de palhas, com um quarto, uma cama e uma mesa, porquanto as que tinham alguma ligação com a América usufruíam de outro *status* social, porque conseguiam melhorar a sua situação económica. A chegada de “cartas americanas” simbolizava, igualmente, a chegada dólares (SILVA, 1993).

Em suma, diríamos que, além da seca conseqüente da falta da chuva, facto que causou muitas mortes em Cabo Verde ao longo da sua história, a pesca da baleia teve um papel importante na emigração cabo-verdiana para os Estados Unidos da América, país onde reside uma grande parte da sua comunidade na diáspora.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jorge. **Obra Poética**. Org.: Arnaldo França e Elsa Rodrigues dos Santos). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2002.

CARREIRA, António. **Cabo Verde: formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1478-1878)**. Porto: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa. 1972.

CARREIRA, António. **Migrações nas Ilhas de Cabo Verde**. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. 1978.

LUZ, Hilarino da. **O Imaginário e o Quotidiano Cabo-verdianos na Produção Literária de Jorge Barbosa**. Orientadores: Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho Carver Gale e Maria do Rosário Pimentel. Tese (Doutoramento). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2013.

LUZ, Hilarino da; Vieira, Nina; Brito, Cristina; et al. The Whale in the Cape Verde Islands: Seascapes as a Cultural Construction from the Viewpoint of History, Literature, Local Art and Heritage. *Humanities*, 9, 90, 24 ago. 2020, pp. 2-17.

SILVA, Baltasar Lopes da. **Chiquinho**. Dir. org. e orientação: Manuel Ferreira. Lisboa: ALAC. 1993.